

A “INTENTONA COMUNISTA” ONTEM E HOJE: REPRESENTAÇÕES DO ANTICOMUNISMO NO EXÉRCITO BRASILEIRO

THE “COMMUNIST INTENTONE” YESTERDAY AND TODAY: REPRESENTATIONS OF ANTICOMUNISM IN THE BRAZILIAN ARMY

Douglas Michel Capiotti¹

Resumo: Esse artigo tem por objetivo compreender como as Forças Armadas passaram a ser vistas como uma instituição anticomunista, sempre em guarda contra o comunismo e os comunistas. Essa interpretação por parte da sociedade tem repercussão dentro da instituição. Após os levantes militares ocorridos em 1935, pejorativamente chamados de “Intentona Comunista”, se instaurou um amplo processo orquestrado por oficiais gerais da época em conjunto com as classes dominantes, visando criar um muro que distanciasse os militares dos ideais de esquerda e justificasse a repressão contra a classe trabalhadora, em cada exigência que incomodasse os donos do poder. Desde os levantes, os ideólogos militares criaram uma narrativa que acusava os militares envolvidos na “Intentona” de traidores da pátria e das Forças Armadas. Essa continuidade narrativa fez chegar até os oficiais gerais atuais a mesma interpretação sobre os acontecimentos de 1935, possuindo ainda os mesmos objetivos: repressão aos movimentos populares e da classe trabalhadora, salvaguardando o capitalismo dependente brasileiro.

Palavras-chave: Exército brasileiro. Comunismo. Revolução. Ideologia.

Abstract: This article aims to understand how the Armed Forces came to be seen as an anti-communist institution, always on guard against communism and communists. This interpretation by society has repercussions within the institution. After the military uprisings that took place in 1935, pejoratively called “Communist Intentone”, a broad process was set up, orchestrated by general officers of the time together with the ruling classes, aiming to create a wall that would distance the military from left-wing ideals and justify repression. against the working class, in every demand that bothered those in power. Since the uprisings, military ideologues have created a narrative that accused the military involved in the “Intentone” of being traitors to the homeland and the Armed Forces. This narrative continuity made the same interpretation of the events of 1935 reach the current general officers, still having the same objectives: repression of popular and working class movements, safeguarding Brazilian dependent capitalism.

Keywords: Brazilian army. Communism. Revolution. Ideology.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: douglas.capiotti@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9289-3795>.

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2023.v16.n1.p61-78>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INTRODUÇÃO

Após o anúncio do resultado da eleição presidencial de 2022, que elegeu o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva e teve como derrotado o candidato que foi ao segundo turno, o então presidente, Jair Messias Bolsonaro, manifestações começaram a acontecer em diversos locais do Brasil e com diferentes proporções, mas unidas na contrariedade ao resultado das urnas².

Após alguns dias de bloqueios de estradas e a solicitação da retirada destes bloqueios por parte da Justiça, o caráter das manifestações se alterou. Os manifestantes passaram a buscar novas formas de atuações sem esbarrar em punições legais. Dessa forma, começaram a se reunir na frente de quartéis e passaram a exigir intervenção militar³, pedindo que as Forças Armadas os protegessem do comunismo.

A solicitação dos manifestantes, em apelo às Forças Armadas, contra o comunismo, não é nova e possui longo lastro histórico. Buscamos indicar o percurso que marcou na própria instituição o ideário anticomunista e, como consequência, levando-a a pensar a si mesma como estando acima das disputas ideológicas, pairando como poder moderador. Imagem essa ainda presente nas manifestações públicas por notas ou em redes sociais de oficiais gerais do Exército, principalmente explicitadas através de publicações deles na rede social Twitter, em seus perfis pessoais.

A imagem que se tem, portanto, é a de que as

(...) Forças Armadas possuem um sentimento de ojeriza ao comunismo de forma quase inata. A construção do entendimento do que é ser militar consiste, assim, em internalizar certos valores que entram em choque com o que é preconizado pelo comunismo. Em poucas palavras: ser militar é ser anticomunista. (MONTEIRO JUNIOR, 2017, p. 256)

Esta interpretação parece ter se tornado única diante do senso comum e é partilhada por muitos além dos manifestantes e dos próprios integrantes das Forças Armadas, como também por jornalistas. Para chegar a essa interpretação compartilhada por amplos setores da sociedade, foram necessários diversos acontecimentos e conjunturas que foram aproximando as Forças Armadas do anticomunismo. As interpretações desses acontecimentos ganhavam contornos notadamente políticos e de classe por parte dos oficiais gerais em conjunto com políticos representantes das classes dominantes.

² LANDIM, Raquel. **Protestos de caminhoneiros contra vitória de Lula bloqueiam estradas em vários estados**. CNN Brasil. 31 de out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/protestos-de-caminhoneiros-contra-vitoria-de-lula-bloqueiam-estradas-em-varios-estados/>. Acesso em: 27 de nov. 2022.

³ LIMA, Sérgio. **Manifestantes pedem intervenção federal em frente a quartéis**. Poder360. 15 de nov. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/manifestantes-pedem-intervencao-federal-em-frente-a-quarteis/>. Acesso em: 27 de nov. 2022.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira apresentamos um breve percurso histórico das ideias anticomunistas no Brasil, suas características marcadamente moralistas que buscavam apresentar o comunismo como vírus que tentava invadir a “sociedade cristã ocidental brasileira”.

Na segunda parte, apresentamos os levantes revolucionários levados a cabo por militares de esquerda em 1935, que ficaram conhecidos como “Intentona Comunista”⁴. Esses levantes são entendidos como o marco inicial da institucionalização do anticomunismo nas Forças Armadas, notadamente no Exército, devido as disputas narrativas que buscaram falsear os acontecimentos em prol da imposição das necessidades das classes dominantes durante a era Vargas (1930 – 1945).

A parte final apresenta publicações nos perfis oficiais no Twitter de generais do Exército brasileiro sobre a “Intentona Comunista”. Percebemos a continuidade no entendimento quanto aos levantes e duas possíveis razões: perseguição aos comunistas – definidos de forma mais ampla possível para permitir a repressão a qualquer organização da classe trabalhadora e/ou seus direitos – e afastamento dos militares dos ideais de esquerda.

Compreendemos como complementares ambos os objetivos que visam um maior: salvaguardar o capitalismo dependente brasileiro, que tem por princípio a superexploração do trabalho (MARINI, 2013). Disso decorre que, conforme Santos, “a ameaça à segurança nacional é causada pelo subdesenvolvimento que, ao criar a miséria, cria a rebelião que é aproveitada pelos comunistas” (1994, p. 94).

O ANTICOMUNISMO NO BRASIL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Alguns eventos quase simultâneos mostravam que a Europa estava passando por mudanças profundas: Revoluções e Contrarrevoluções de 1848 e a publicação do Manifesto do Partido Comunista. Poucos dias separaram as insurreições que ocorreram na Europa em fevereiro e março contra a monarquia e a publicação do Manifesto. Esses eventos são expressões de uma processualidade histórica, ambos indicativos de novas organizações sociais, novos atores surgindo no palco das lutas de classes e se colocando em oposição aberta: burguesia e proletariado.

Na Alemanha, a burguesia se acovardava com as notícias vindo de Paris e renegava sua tarefa histórica revolucionária, capitulando e se aliando aos interesses da monarquia que atentara derrubar. Na França, a burguesia, que em fevereiro se aliou ao proletariado, o reprimiu e massacrou em junho. Karl Marx e Friedrich Engels

⁴ Usaremos a expressão “Intentona Comunista” entre aspas devido ao caráter reacionário que foi idealizada.

acompanhavam os eventos e os publicavam nas páginas da Nova Gazeta Renana⁵, jornal fundado por eles que tinha Marx como editor-chefe. Nas páginas do jornal, após o massacre contra o proletariado de junho em Paris, Marx (2020) estampou que 1848 era o ano em que o proletariado perdeu suas ilusões. Ilusões quanto a aliança com a burguesia. Ilusões quanto a política. Era necessário ir além.

No Brasil, esses ecos foram sentidos, embora de forma distinta, pois

Ainda que o comunismo imaginado por alguns políticos fosse hiperbólico, havia um fundamento real. Eles sabiam que o comunismo já era na Europa um movimento real e prático e não um conjunto de ideais de reforma social. E no Brasil as fugas, insurreições e atos violentos contra senhores estavam documentados nos relatórios apresentados pelos chefes de polícia ou pelos presidentes de província às assembleias. Mesmo assim, *havia exageros retóricos que cumpriam a função de prevenir as classes dominantes contra qualquer ameaça, mesmo mínima, aos seus interesses materiais.* (SECCO, 2020, grifo nosso)

Esse temor das classes dominantes vai se ampliar após a Revolução Russa de 1917 liderada pelos bolcheviques. A Igreja Católica foi uma das precursoras do anticomunismo, pois o comunismo “se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral” (MOTTA, 2002, p. 20).

Nesses primeiros anos após a Revolução Russa, o comunismo era analisado sob o prisma moralista e dos costumes no Brasil, e não era combatido ainda em seus termos enquanto teoria social e/ou crítica da economia política, indicativo da ausência das contradições das sociedades capitalistas mais desenvolvidas como Inglaterra e França, possuindo aqui formas atípicas de entificação do capitalismo⁶. Os valores tradicionais das sociedades cristãs ocidentais estavam em perigo com a ameaça dos materialistas ateus.

Entre esses valores, se incluíam a família, propriedade privada, e o nacionalismo. O internacionalismo proletário expresso no programa contido no Manifesto do Partido Comunista (MARX; ENGELS, 2008), que conclamava a união dos proletários de todo o mundo, era inaceitável para os nacionalistas que o interpretavam como uma destruição dos valores nacionais, da questão nacional.

Essas construções retóricas não conseguiam ainda encontrar respaldo nas lutas de classes no território brasileiro e, por isso, não tinham maior penetração em amplos setores da sociedade. Os comunistas também não tinham adquirido ainda um grau de

⁵ O jornal funcionou entre junho de 1848 e maio de 1849, quando a contrarrevolução vitoriosa usou da lei marcial para expulsar os fundadores do jornal.

⁶ Para uma discussão sobre as origens e formas do capitalismo no Brasil, ver: Chasin (1978), Marini (2000), Fernandes (2006).

impacto que pudesse efetivamente incentivar um incremento por parte das instituições do Estado em forma de repressão organizada, orientada enquanto doutrina que visasse a ofensiva contra o que se entendia por comunismo, comunistas ou, em último caso, qualquer reivindicação por parte da classe trabalhadora.

Nesse sentido, conforme Motta (2002), os anarquistas ocupavam, naquele momento, um espaço de maior destaque e penetração nas lutas de classes, pois estavam mais organizados e com maior força. Consequentemente, tinham maior atenção por parte dos jornais e sofriam maior repressão no Brasil.

É importante, portanto, a consideração referente ao nosso tema que até fins da década de 1920, também para as Forças Armadas,

(...) A ameaça interna do comunismo, em um primeiro momento, não incomodava tanto quanto a revolução bolchevique na Rússia. O fato é que mesmo após a criação do PCB, em 1922, as atividades comunistas nacionais chamavam pouca atenção dos periódicos brasileiros. (FILHO, 2020, p. 132)

Entrada a década de 1930 e o crescimento do Partido Comunista do Brasil (PCB), principalmente com a popularidade do ex-capitão do Exército, Luís Carlos Prestes, as ideias comunistas passaram então a ser mais atacadas na imprensa. Se ampliavam as associações com simbolismos religiosos, entendendo o comunismo como uma doença que poderia atacar o corpo sadio da nação.

Oportuno, portanto, verificar como era tratado o tema do comunismo nos meios de comunicações do Exército. Fazendo a análise de dois artigos, publicados um em 1932, outro em 1933 pelo general Moreira Lima na Revista do Club Militar, se constatou que

Entrementes, prega que a confusão dos tempos modernos ofusca e abala os alicerces da família e da pátria, sobretudo graças a doutrinas estranhas e perigosas. O autor defende, então, uma união sagrada de todas as classes, entendidas nesse momento como separadas por esse mal moderno. Já o segundo, de 1933, culpabiliza de forma clara o socialismo pelo afastamento da humanidade do que o autor entende como o seu posto normal: o nacionalismo, gerido em substituição à origem de todos os povos: a teocracia. Assim sendo, o comunismo nada mais é do que uma anomalia e deve ser entendido como tal. (MONTEIRO JUNIOR, 2017, p. 260)

Em outros artigos, as publicações do Exército apontavam as ideias comunistas como incompatíveis com os ideais de hierarquia e disciplina presentes no Exército brasileiro e de outros países. Filho (2020) analisando publicações na Revista Militar Brasileira durante a Era Vargas, localizou já artigos em 1930 contrários aos ideais

comunistas e sua penetração dentro dos quartéis. Na publicação da edição de nº 3 intitulada “O Exército russo dos soviets”, por exemplo, se tem que

Dentro do ensino militar, os princípios comunistas eram a principal matéria dos alunos. Cerca de 70% dos oficiais eram inscritos no partido comunista soviético. Para o autor, esta era uma das características negativas da doutrina militar soviética. Todo oficial era instruído segundo as teorias de Karl Marx. (FILHO, 2020, p. 141)

As ideias de Karl Marx seriam então prejudiciais a organização, disciplina e hierarquia das Forças Armadas pelos motivos que assinalamos anteriormente, acrescentando aqui que o autor, segundo Filho (2020), aponta a criação de uma rede de espionagem interna para evitar desvios em relação ao comunismo, o que fatalmente levaria o Exército Vermelho a um mar de suspeitas que lograria o desmoroamento militar⁷.

Esse conjunto de artigos já contém em gérmen os alicerces da ideologia anticomunista que vai ser implantada nas Forças Armadas na Era Vargas após 1935 e que encontrará continuidade, com menor ou maior grau, até o presente. Se compreende um estado natural do povo brasileiro, da sociedade brasileira, enquanto católica, defensora da família e da pátria. O comunismo passa a ser entendido pelo Exército como uma anomalia que é alienígena e violenta, pois quer impor objetivos estranhos às famílias brasileiras de bem e tementes a Deus, portanto, precisa ser combatido.

OS LEVANTES REVOLUCIONÁRIOS DE 1935

A década de 1930 trouxe também agitações que envolviam insatisfações com Vargas por parte da classe trabalhadora e militares oriundos das revoltas anteriores tenentistas (1922 – 1927), o crescimento do nazifascismo na Europa, a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) em outubro de 1932 e a fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em março de 1935, congregando a luta contra o latifúndio, contra o fascismo e contra o imperialismo. A ANL teve a presidência de honra de Luís Carlos Prestes e grande participação dos tenentistas de esquerda. Como resposta aos êxitos logrados inicialmente pela ANL, Vargas respondeu com a instauração da Lei de Segurança Nacional, lei de 4 de abril de 1935⁸.

⁷ O desenvolvimento histórico mostrou equivocada essa tese, vide as vitórias do exército soviético sobre a Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, por exemplo. Vitórias essas que não tiveram muita atenção nas páginas da revista, conforme Filho (2020).

⁸ Naquela fase, pois, tudo girava praticamente em torno do projeto de Lei de Segurança Nacional. E a luta, por isso mesmo, atingira um nível de tensão já insuportável, que dava ideia da enorme resistência da opinião pública ao projeto, da combatividade das oposições e, também e principalmente, do medo que as classes dominantes sentiam ante aquele clima de tensão e da necessidade de possuir instrumentos prontos e eficazes para a defesa de seus interesses, tidos como seriamente ameaçados. (SODRÉ, 1986, p. 72)

O governo Vargas estava buscando algum pretexto para liquidar com a ANL. O encontrou após um discurso de Prestes em 5 de julho⁹ que conclamava para a Revolução Brasileira e “todo o poder para a ANL” contra o imperialismo e contra o fascismo, não existindo possibilidades de vacilações (SODRÉ, 2010). Dias depois do discurso de Prestes, o governo fecha a ANL, colocando-a na ilegalidade no dia 11. Em resumo:

É inequívoco que representantes de todas as camadas da sociedade brasileira participaram da Aliança Nacional Libertadora, inclusive elementos das Forças Armadas. A marcha do governo para a violência, a brutalidade da repressão policial, a proibição das manifestações de pensamento e das tentativas de organização, criavam as condições para a explosão de movimento armado [...] (SODRÉ, 2010, p. 334)

Conforme Sodré nos indica, o fechamento da ANL significou para muitos que a alternativa estava novamente com um movimento armado, visto que pelos meios legais, a repressão escalava e deixava os movimentos populares e da classe trabalhadora sem opções a curto prazo. Se criava o clima para movimentos espontâneos que viam nas insurreições armadas uma opção viável pela história recente do país.

Os levantes ocorridos em novembro em Natal, Recife e Rio de Janeiro, de acordo com Vianna (2022) não possuíram uma organização prévia e foram motivados por acontecimentos locais que somados ao clima dominante na época e a ANL colocada na ilegalidade, tornava possível imaginar uma quartelada obter sucesso e adesão popular imediata. Mas nem para os envolvidos ou para a população ficou claro quem eram os organizadores, o que queriam ou a quem representavam, se a ANL ou a AIB, por exemplo.

O simples acompanhamento dos fatos nos mostra o absurdo – e a falácia – de se dizer que as insurreições ocorreram por ordens de Moscou. Em Natal, o movimento foi desencadeado por uma mistura de questões políticas locais e agitações de quartel. Em Recife, foi o despreparo do Secretariado do Nordeste que desencadeou a quartelada, depois que soube do ocorrido em Natal. (VIANNA, 2022, p. 16)

Informado sobre os levantes, Prestes resolveu também iniciar uma insurreição no Rio de Janeiro. Tratou de imediatamente procurar o secretário-geral do PCB, Miranda (Antonio Maciel Bonfim), convencendo-o a aderir e organizar brigadas civis em apoio. Enviou ordens de sublevações e conclamou antigos camaradas da Coluna, reforçando o caráter tenentista da insurreição organizada em 48h e marcada para a madrugada de 27 de novembro (Vianna, 2022).

⁹ Prestes, à época, apesar de sua adesão ao comunismo, era principalmente, um tenente, como ele próprio reconheceria mais tarde. Seu discurso de 5 de julho de 1935 foi um apelo tenentista àqueles companheiros de farda e da Coluna que continuavam a querer para o país transformações mais radicais do que as até então realizadas. (VIANNA, 2022, p. 10)

Tivemos, portanto, os levantes em resumo: 23 de novembro em Natal, caindo 6 dias depois. No Recife se iniciou um dia depois, 24 e não durou dois dias. No Rio, se organizou para dia 27, mesmo já tendo ciência da derrota de Recife, mas segundo Sodré, “motivos éticos foram mencionados, naquele momento; não era possível deixar sozinhos no fogo os companheiros do Nordeste; por honestidade, era preciso acompanhá-los; a saída honrosa era o protesto em armas contra o fascismo em avanço” (1986, p. 89). Iniciado pela madrugada, caiu pela manhã. Todos foram derrotados pelas forças governistas.

Como destaca Vianna (2022) ocorreram apenas três mortes diretamente associadas aos levantes. Duas no Rio de Janeiro, o tenente rebelde Tomás Meireles e o major legalista Misael Mendonça. Uma em Natal, com a morte de um soldado legalista. O anticomunismo voltava a unificar amplos setores dominantes com as Forças Armadas em prol dos seus interesses, manejando a opinião pública e permitindo assim que

A polícia, assim acobertada, começaria a agir maciçamente: entre 25 de novembro de 1935 e 15 de março de 1936, realizou 3.250 investigações, 441 buscas domiciliares, 901 prisões de civis e 2.146 de militares. (...) As prisões de parlamentares chocariam a opinião pública – nenhum deles era comunista – mas o Senado e a Câmara eram de parecer que o Executivo deveria ser provido de amplos poderes. Por isso, permitiram o processo de seus membros atingidos e presos. (SODRÉ, 1986, p. 97)

Luis Carlos Prestes foi preso em março de 1936, Miranda já tinha sido em janeiro e a perseguição aos militantes do partido comunista – mas não somente como visto acima – seguiu até 1938 sob a justificativa de participação direta ou indireta com os levantes, com Prestes ou com o PCB. Importante notar que a repressão estava na ordem do dia devido as maiores mobilizações da classe trabalhadora que assustavam as classes dominantes. Então

Seria errôneo afirmar que existiu relação de causa e efeito entre os levantes de novembro de 1935 e a repressão que se seguiu à sua derrota. A repressão e a difamação não se originaram nos levantes e de seu suporte caráter comunista. A reação teria, ocorressem ou não os levantes, encetado a campanha de difamação ideológica. (SODRÉ, 1986, p. 104-105)

O ataque ao comunismo ia servindo aos propósitos da classe dominante de assegurar seu poder mediante a ampliação da repressão contra as classes dominadas, buscando com a narrativa do anticomunismo apenas a justificativa.

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE A “INTENTONA COMUNISTA”

A construção do mito em torno da “Intentona Comunista” adquiriu força e foi ao longo dos anos recebendo aprimoramentos nas mentiras, na construção narrativa, em números dos envolvidos e mortos. O próprio nome dado já sugere um viés, pois “Intentona” — intento louco, plano insensato, desvario —, nome com que ficou, por muito tempo, consagrado na história. A própria escolha do termo que designa o evento já é, portanto, um julgamento do mesmo (CASTRO, 2002, p. 51).

Para além do nome, se teve a situação muito propícia para a exploração política e repressiva por parte de Vargas e os generais próximos a ele, notadamente Góis Monteiro, que foi Ministro da Guerra e Chefe do Estado Maior do Exército. Num só lance criaram uma narrativa¹⁰ que contemplava todos os elementos necessários para o desencadeamento da repressão: militares envolvidos, acusações de traições, covardia e interferência da URSS, colocando os comunistas brasileiros como meros lacaios de interesses internacionais. Criou-se o argumento para a perseguição aos comunistas, a classe trabalhadora e, não menos importante, aos militares com tendências de esquerda.

Embora a oposição de amplos setores militares ao comunismo anteceda a revolta, foi a partir desse momento que os comunistas passaram a ser claramente identificados como o maior inimigo. Esse processo teve como ponto focal a institucionalização, pelos militares, de uma comemoração no aniversário da vitória sobre a Intentona. O ritual de rememoração dos mortos leais ao governo, repetido a cada ano no Rio de Janeiro, tornava seu “sacrifício” presente, renovava os votos anticomunistas dos militares e socializava as novas gerações nesse mesmo espírito. Desde então, o roteiro permanece basicamente o mesmo: formatura de tropas militares junto ao túmulo dos militares mortos em 1935; recepção das autoridades civis e militares; canto do hino nacional; aposição de flores aos pés do monumento; discursos e leitura da ordem do dia dos chefes militares; chamada nominal dos mortos, ao som de salvas de canhão. (CASTRO, 2002, p. 52)

Os levantes de 1935 serviriam como justificativa ainda para a instauração da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo em 3 de dezembro, ampliação da chamada “lei monstro”, sancionada por Vargas em 4 de abril de 1935 e a lei nº 136 de dezembro de 1935, ampliando o que se entendia por crimes contra a ordem e restringindo ainda mais a atuação política, principalmente da classe trabalhadora.

Cabe lembrar que no período de 1930 a 1934 “houve 51 incidentes envolvendo militares de todos os escalões, compreendendo agitações, protestos e revoltas” (CARVALHO, 2006, p. 104). Os levantes então contribuíram para ampliar

¹⁰ No ano de 1937, a então denominada Bibliotheca Militar (precursora da atual Bibliex) lançava um livro sob o título de *Em Guarda contra o comunismo*, esse foi o primeiro livro editado pela *Bibliotheca Militar* para compor a sua “Coleção C”, que compreendia o que a editora classificou como “obras de educação”. (OLIVEIRA, 2010, p. 2, grifo do autor)

as concepções que o então general Góis Monteiro tinha para o Exército¹¹ e que eram apoiadas por Vargas que buscava nas Forças Armadas um contrapeso em suas disputas políticas contra as oligarquias.

A reforma da organização foi sendo realizada sistematicamente, sob as bênçãos de Vargas a quem interessava um aliado confiável e sólido. [...] Abrangeu a efetivação do serviço militar obrigatório, o treinamento de reservas, a desprofissionalização dos sargentos, *a homogeneização e doutrinação dos oficiais, o expurgo dos dissidentes e a formação de um núcleo hegemônico de oficiais*. Esse grupo formou-se a partir de 1932 e consolidou seu poder no golpe de 1937. (CARVALHO, 2006, p. 108, grifo nosso)

Posteriormente, a narrativa contrária aos levantes ainda serviria de suporte para as alegações contidas no Plano Cohen¹² em outubro de 1937. A distância temporal entre os eventos sugere a massiva propaganda colocada em prática de forma abusiva e com apoio dos meios de comunicações da época para manter o anticomunismo na ordem do dia e sem fazer esquecer a memória da “Intentona Comunista”.

Como a opinião, apesar do terrorismo desencadeado, não estivesse ainda suficientemente preparada para a transformação no aparelho de Estado, foi necessário forjar uma conspiração: não se teve, para isso, qualquer escrúpulo, e o Estado-Maior do Exército apresentou o documento que levantava diante do país, já com as resistências democráticas aniquiladas, a prova de que existia perigo ainda de pé, a que era necessário vencer pela liquidação das últimas e aparentes formas de democracia subsistentes. Esse documento ficou conhecido como Plano Cohen. Divulgou-o o Estado-Maior do Exército e, em seguida, passou-se à execução do golpe de cúpula que destruiu, sem qualquer dificuldade, os aspectos e os instrumentos institucionais em que se resguardava a estrutura antiga do Estado. (SODRÉ, 2010, p. 342)

Neste ano de 1937, inclusive, as comemorações da derrota da “Intentona” ocorreram mais cedo que o normal, sendo realizadas em setembro. O desenlace dos acontecimentos parece sugerir uma arquitetura para a instauração do golpe e início do Estado Novo. Conforme Motta (2002), as comemorações foram antecipadas para 23 de setembro e com grandes preparativos. Dias depois, em 1 de outubro se descobre o tal plano terrorista do comunismo internacional, que se aproveitando do clima criado pela antecipação das comemorações:

¹¹ De inspiração fortemente anticomunista, por ironia, depois em “1945, ficaram contra Vargas os principais entre seus antigos auxiliares, como Góes, Dutra, Canrobert, tidos sempre como simpatizantes do Eixo. Movia este grupo o receio da política trabalhista de Vargas, que vinculavam de modo quase paranoico ao perigo comunista. (CARVALHO, 2006, p. 111)

¹² De acordo com Mezzaroba (1992), o documento de autoria do capitão Olímpio Mourão Filho, chegou a ser discutido pela cúpula militar na presença do general Góis Monteiro dias antes da divulgação. Foi encomendado ao capitão pela AIB e depois usado com o objetivo de criar o clima necessário para o golpe do Estado Novo.

Desta feita, as denúncias sobre a trama comunista ganharam uma consistência maior, pois até então se falou muito em conspirações, porém, sem apresentar evidências. O documento com a assinatura apócrifa “Cohen”, que muitos jornais publicaram na íntegra, conferiu materialidade à retórica dos setores anticomunistas. Agora ficava mais fácil acreditar nas advertências sobre a volta do ‘perigo vermelho’”. (MOTTA, 2002, p. 219)

Com auxílio dos generais-ministros, Eurico Gaspar Dutra e Góis Monteiro, se espalhou o pânico anticomunista e se justificou o retorno ao Estado de Guerra ao Congresso. Um mês depois, o golpe estava dado por Vargas com apoio das Forças Armadas (Carvalho, 2006).

A “INTENTONA COMUNISTA” HOJE

Nos dias atuais a memória da “Intentona Comunista” ainda faz parte do imaginário das Forças Armadas, especialmente do Exército, e é repetida todos os anos nas comemorações da semana do dia 27 de novembro¹³. Desde o acontecimento em novembro de 1935, essa memória tem sido mantida e ampliada sempre com a imagem das Forças Armadas enquanto instituição anticomunista e comprometida com a pátria e com valores cristãos contra o comunismo materialista e ateu.

Outros importantes ideólogos militares participaram da ampliação desse imaginário anticomunista, cada um em sua época, sendo notadamente o general Golbery do Couto e Silva¹⁴ e sua doutrina de segurança nacional no pré-64, nos serviços de informações durante a ditadura civil-militar (1964 – 1985)¹⁵, na década de 1980 na obra e textos do general Sergio Augusto de Avellar Coutinho e, mais recentemente, na figura do ensaísta e polemista Olavo de Carvalho. Este último ampliou e deu novos espaços de penetração para ideias concebidas pelos ideólogos militares em décadas anteriores, especialmente as do general Coutinho.

Nesta cruzada erguida contra o comunismo, os militares começaram a julgar importante a ocupação de amplos espaços e setores como a educação, a cultura em amplo

¹³ Ocorrida também em 2022, no dia 24 de novembro, o general Laerte de Souza Santos, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas pronunciou: “Os heróis de 1935 não morreram em vão. E as lições do passado e o sangue derramado pelos que tomaram na defesa da pátria contra um movimento — que foi inclusive articulado do exterior pela Internacional Comunista — sirvam de referencial para que jamais brasileiros peguem novamente em armas contra seus compatriotas” (VEJA, 2022)

¹⁴ Sobre as ideias do general Golbery do Couto e Silva, ver: Neves Junior (2019), Assunção (1999).

¹⁵ Se de um lado o governo buscava informar a população sobre os riscos do comunismo, como, por exemplo, no *Decálogo da Segurança*, divulgado para o público geral, de outro buscava informar também seus próprios agentes e colaboradores de como agiam os subversivos. Diversos manuais e relatórios foram produzidos por vários órgãos do governo, buscando demonstrar o “perigo comunista”. Destaque para “*Ação Subversiva no Brasil*”, do Cenimar de 1972, “*Como eles agem*”, do Cisa de 1971 e “*Dicionário: Segurança Nacional e subversão*”, da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, de 1977. (SAMWAYS, 2014, p. 100, grifos do autor)

caráter, não apenas restrito aos militares. Visando a conformação da subjetividade de toda a hierarquia, com especial atenção às novas gerações de soldados, foram publicadas na Biblioteca do Exército livros de caráter anticomunistas, inclusive, já na sequência dos levantes insurrecionais de 1935, como destacado anteriormente, e prosseguindo com

Produções de caráter anticomunista e que alertavam para o “mal do comunismo” no período de ditadura civil-militar foram relativamente amplas, com livros editados principalmente pela editora da Biblioteca do Exército, a Bibliex, produzidos aqui ou no exterior, como *A Nação que salvou a si mesma*, *O Serviço Secreto*, *Guerras Insurrecionais e Revolucionárias*, *Os sete matizes do Vermelho*, *Os Subversivos*, além de uma infinidade de informes, relatórios e comunicados, enviados para todo o país, que demonstravam o perigo comunista. (SAMWAYS, 2014, p. 101, grifo do autor)

Os militares envolvidos nos levantes revolucionários sofriam a acusação de, a um só tempo, terem traído a farda – hierarquia e disciplina – e traído a seus colegas de farda, pois teriam os matado enquanto dormiam¹⁶. A dupla traição ainda tinha mais uma a somar: a traição à pátria. Como destacamos em alguns momentos durante o texto, era amplamente divulgado que os comunistas queriam fazer uma revolução em prol do comunismo internacional, dessa forma, traíndo os valores cristãos ocidentais da nação brasileira.

Diante da ameaça dos comunistas, as Forças Armadas se colocavam como os defensores naturais da nação, impenetráveis às disputas políticas que poderiam ocorrer na sociedade, última linha de defesa contra o vírus materialista ateu. Por responder apenas aos interesses da nação brasileira, os militares estariam mais aptos a operar a violência ou as contrarrevoluções contra o comunismo que operava de forma incessante no Brasil, de acordo com os ideólogos militares.

Vejamos agora alguns exemplos de como os generais do Exército brasileiro tem tratado os levantes insurrecionais de 1935, a “Intentona Comunista”. Optamos por oficiais generais por entendermos que dentro da hierarquia e disciplina do Exército, na feliz expressão de Pimentel (2020) “a palavra convence e o exemplo arrasta”. E dentre os oficiais generais, optamos por aqueles que tiveram cargos importantes no poder Executivo, e que, conseqüentemente, obtiveram maior espaço nos meios de comunicações de forma geral pelo cargo ocupado.

Organizamos os tuítes por ordem cronológica e por autor. O primeiro que iremos abordar é o general que foi Comandante do Exército Brasileiro de 2015 a 2019, Eduardo Villas Bôas:

¹⁶ Ninguém matou ninguém dormindo. Por muitos motivos, inclusive porque ninguém estava dormindo. As tropas estavam de prontidão rigorosa, desde o dia 23 de novembro, num clima de extrema tensão porque era sabida a iminência de um levante militar – do qual o Governo estava previamente informado e as medidas mais cuidadosas de segurança haviam sido tomadas. (SODRÉ, 1986, p. 107)

Meus cumprimentos ao Departamento de Educação e Cultura do Exército e ao Comando Militar do Leste pela cerimônia no RJ em homenagem às vítimas da intentona comunista de 1935. #ObrigadoSoldado de ontem, hoje e sempre por manter o Brasil unido! (VILLAS BÔAS, 2017)

Nesta publicação de 2017, além do envolvimento do DECEEx, temos também a chamada aos soldados “de ontem, hoje e sempre” por manterem o Brasil unido. Por conseguinte, unido em vista o comunismo que deseja separar a sociedade. Villas Bôas parece aludir a separação da sociedade em classes, que os marxistas têm por fundamento na análise das sociedades que se encontram dívidas em classes. Dessa forma, retomamos ideias expostas ao longo do texto de que o comunismo busca dividir as pessoas para poder conquistar o poder e que isso não seria algo natural da sociedade brasileira, mas trazida de fora por interesse do comunismo internacional.

No ano seguinte:

Determinei ao @exercitooficial que rememorem a Intentona Comunista ocorrida há 83 anos (27 Nov 1935). Antecedentes, fatos e consequências serão apreciados para que não tenhamos nunca mais, irmãos contra irmãos vertendo sangue verde e amarelo em nome de uma ideologia diversionista. (VILLAS BÔAS, 2018a)

Nesta publicação de 25 de novembro de 2018, o general Villas Bôas, ainda Comandante do Exército, traz uma determinação ao perfil oficial do Exército no twitter, para que seja rememorada a “Intentona Comunista” em seus “antecedentes, fatos e consequências” que parece indicar as supostas alegações de envolvimento da Internacional Comunista, pois essa “ideologia diversionista” que defende um ideal vermelho e que, por isso, verteu sangue “verde e amarelo” dos irmãos de farda.

Dois dias depois, o general fez mais duas publicações. A primeira: “No portal do @exercitooficial há uma matéria que vem ao encontro da minha diretriz de esclarecer o que foi, há 83 Anos, a Intentona Comunista. #BrasilAcimaDeTudo” (VILLAS BÔAS, 2018b).

Algumas horas depois:

Acabei de assistir o Live - Intentona Comunista de 1935 -, onde o jornalista William Waack aborda com lucidez os eventos deste momento tão sensível de nossa história. Parabéns pelo belo trabalho! https://youtu.be/VKJhzFg_-CA via @YouTube (VILLAS BÔAS, 2018c)

A menção ao jornalista William Waack não é por acaso. O jornalista escreveu o livro “Camaradas” em 1993 sobre a “Intentona Comunista”. Waack retoma muitas das

antigas acusações contra Prestes e o PCB, em sintonia com as afirmações militares que a URSS teria organizado e financiado os levantes de 1935 no Brasil, sendo os comunistas brasileiros meros lacaios do comunismo internacional e seu projeto de poder.

Passaremos agora as publicações do general Hamilton Mourão, vice-presidente do Brasil de 2018 a 2022 e senador eleito do partido Republicanos nas eleições de 2022 pelo Estado do Rio Grande do Sul: “Na data de hoje, em 1935, traidores da Pátria intentaram contra o Estado e o povo brasileiro. A intentona de 27 de novembro foi a primeira punhalada do Movimento Comunista Internacional contra o Brasil. Não seria a última” (MOURÃO, 2019).

Nas publicações do general Villas Bôas pudemos perceber uma crítica um pouco menos agressiva, embora contundente na mensagem a ser passada. Nessa primeira publicação do general Mourão já percebemos um tom mais agressivo que vai remontar as ideias do general Coutinho¹⁷, retomando os momentos em que o comunismo teria tentado tomar o poder no Brasil.

A “Intentona Comunista” teria sido a primeira tentativa do comunismo internacional, o período imediatamente anterior a 1964 o segundo, a luta armada dos anos 60/70 seria o terceiro momento. O quarto momento teria iniciado quando os comunistas perdendo a luta armada, perceberam que era melhor retomar a batalha no campo ideológico, através da educação, do jornalismo e no interior da política. Essas ideias podem ser encontradas em embriões nas formulações do general Golbery de Couto e Silva já na década de 1950, embora sem a esquematização de momentos específicos e por ele denominado de “guerra total”.

Em decorrência da situação moderna de disputa político-econômica internacional, o fenômeno da subversão arquitetaria a infiltração nos aparelhos institucionais sócio-políticos, ambicionando a corrosão dos mais valiosos princípios da *cultura ocidental* que fundamentam a tradição e a ordem social. Dentro da nova divisão internacional do mundo (ocidente cristão democrático em oposição ao oriente ateu comunista) instituíra-se uma nova forma de guerrear, sendo esta conceituada por Golbery como *guerra total*. (NEVES JUNIOR, 2019, p. 54, grifo do autor)

Percebemos que o general Golbery já tinha começado a narrativa de que o comunismo teria se espalhado por todos os setores da sociedade e Estado, e isso iria requerer uma contraofensiva do Estado, um combate diferenciado para acompanhar essas novas formas. Era necessário, portanto, investimentos em inteligência, educação e informações das Forças Armadas, principalmente o Exército.

¹⁷ Para saber mais sobre as ideias do general Avellar Coutinho e sua ampla influência entre militares e setores da intelectualidade, ver: Pinto (2010).

Retomando a publicação do general Mourão, também há a narrativa da “traição” que mencionamos anteriormente na tripla traição: pátria, instituição (hierarquia e disciplina) e irmãos de farda:

Na data de hoje, em 1935, traidores da Pátria intentaram contra o Estado e o povo brasileiro. A intentona de 27 de novembro foi a primeira punhalada do Movimento Comunista Internacional contra o Brasil. Não seria a última. Eles que venham, não passarão! (MOURÃO, 2022)

General Mourão repete o mesmo tuíte de dois anos atrás, mas com uma importante adição. A frase final invoca o momento atual após a vitória eleitoral de Lula. O tom do general subiu nas suas últimas publicações e aparições públicas contra o Tribunal Superior Eleitoral, em especial ao ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente do TSE, Alexandre de Moraes¹⁸.

Passemos agora para o general Augusto Heleno, ministro-chefe desde 2019 do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI/PR).

27 Nov 1935-Intentona Comunista, tentativa cruel de golpe militar. Comunistas sublevam quartéis, no Realengo e Pr Vermelha. Assassinam militares, dormindo ou ao reagir. Violento combate vence a 1ª tentativa de tomar o poder, pelo Comunismo, no Brasil. Nº grande de mortos (HELENO, 2020)

O general Heleno segue seus colegas de farda na narrativa contra o comunismo, adicionando o adjetivo de “cruel” aos acontecimentos. De resto, ele segue a mesma argumentação de que a “Intentona” teria sido a primeira tentativa de tomada do poder por parte do comunismo internacional no Brasil. Desta forma percebemos como Sodré compreendeu bem as intenções do que estava em jogo quando do início da narrativa contra os levantes de 35, pois,

O sentido do terrorismo, que tinha finalidades amplas naturalmente, estava em destruir os elementos militares que guardassem qualquer simpatia ou tendência para as forças populares, arregimentando solidamente as Forças Armadas no sentido de se constituírem em barreira maciça, intransponível e ativa contra qualquer forma de manifestação popular, de cunho nacional ou de cunho democrático. A acusação de banditismo levantada contra os militares envolvidos no movimento de 1935 visava isolá-los de seus companheiros, pela mancha da ignomínia, ao mesmo tempo em que se apresentava o movimento de frente de libertação como financiado do exterior, como impulsionado pelos mais baixos sentimentos e como motivado por ímpeto de pura

¹⁸ Não sendo nosso objeto do artigo, apenas destacamos que concordamos com as ideias de Leirner (2021) quando afirma que os militares (em especial os oficiais gerais) após a Constituição de 1988, realizaram uma aproximação com diversos setores, principalmente, parlamentares e agentes do direito. Nessa interpretação, essas afrontas e ameaças nas redes sociais dos generais seria parte das operações de dissimulação, pois, não existe atrito real entre os generais e ministros do STF. Parece existir, ao contrário, realinhamento de interesses desde 2010, conforme assinala o autor. Entendemos que essas publicações nesse tom possuem objetivos políticos-eleitorais, visando, no momento, colocar pressão sobre o presidente eleito Lula.

destruição, assim à semelhança das hordas mongólicas que, vitoriosas, desencadeariam a violência contra as mulheres, as crianças, a religião, a paz. (SODRÉ, 2010, p. 335)

Mais de setenta anos separavam os levantes das manifestações dos generais em suas redes sociais, o que indica a persistência da narrativa criada pelas próprias Forças Armadas e depois reafirmada por ideólogos militares e outros como Olavo de Carvalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anticomunismo nas Forças Armadas, especialmente no Exército, começou a se intensificar na década de 1930 em conexão com as tensões que aconteciam no restante da sociedade. Com os levantes insurrecionais de 1935, chamados pejorativamente de “Intentona Comunista”, os oficiais generais responsáveis pelo Exército passaram a manejar esses acontecimentos e explorá-lo para expurgar das Forças Armadas elementos de aproximação com os ideais comunistas, alicerçando a narrativa anticomunista em três traições que teriam acontecido na “Intentona”: à pátria, à instituição (hierarquia e disciplina) e aos colegas de fardas.

A construção e instituição do ritual nas comemorações anuais da derrotada da “Intentona”, visa lembrar anualmente a memória e o exemplo dos colegas que teriam sido assassinados pelos comunistas. Simultaneamente, livros foram escritos por ideólogos militares e publicados pela Biblioteca do Exército que tinham o objetivo de contar a versão da história que interessava aos generais e as classes dominantes, buscando influenciar as novas gerações de soldados formados, marcando a subjetividade deles.

Nos tuítes de importantes generais brasileiros que assumiram o posto pós-Constituição de 1988, percebemos que a narrativa criada em 1935 persiste. Agora era acrescida de complementariedades dadas por outros ideólogos militares como o general Golbery de Couto e Silva e do general Sergio Augusto de Avellar Coutinho. O primeiro adicionando o conceito de “guerra total” e o último adicionando a ideia de plano contínuo dos comunistas e localizando quatro momentos na história em que existiram tentativas de tomada de poder por parte dos comunistas, tendo como ponto inicial a “Intentona Comunista”.

Dessa forma, concluímos que os oficiais generais continuam a reforçar a narrativa contra os comunistas, partindo principalmente dos levantes de 1935. Não sem motivo, eles, por ocuparem cargos importantes no Executivo, acabam assim contribuindo para convencer a sociedade dos males do comunismo e dos seus métodos diabólicos, traiçoeiros e contra a família. Similar a Vargas e seus generais-ministros que usaram da credibilidade e boa imagem da Instituição para interesses nas lutas de classes, pois, conforme Motta “o prestígio das autoridades militares ajudou a convencer

a sociedade de que os propósitos do governo eram honestos. Os militares tinham uma imagem de isenção, de desinteresse pelas paixões políticas, e tranquilizaram os céticos” (2002, p. 220).

Essa imagem persiste e precisa persistir para manter o aparelho repressivo em um país de capitalismo dependente e estruturado na superexploração da força de trabalho. É necessário a incessante manutenção ideológica por todos os meios disponíveis pelas classes dominantes para manter o sistema capitalista. Contam as classes dominantes com a aliança dos oficiais gerais nessa cruzada anticomunista em prol dos seus interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

CASTRO, Celso. **A invenção do exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FILHO, C. A. da S. O diabo veste vermelho: A revista Militar Brasileira e o anticomunismo no Exército. **Revista Outras Fronteiras**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 127–148, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/398>. Acesso em: 25 nov. 2022.

HELENO, Augusto. **27 Nov 1935-Intentona Comunista, tentativa cruel de golpe militar [...]**. Brasília, 27 de nov. de 2020. Twitter: @gen_helena. Disponível em: https://twitter.com/gen_helena/status/1332514185855586305. Acesso em: 27 de nov. 2022.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2013.

MARX, Karl. **Nova Gazeta Renana**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MONTEIRO JUNIOR, Luiz Otavio. Contra a foice e o martelo: a invenção do anticomunismo no Exército Brasileiro. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 255–276, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/65277>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOURÃO, Hamilton. **Na data de hoje, em 1935, traidores da Pátria intentaram contra o Estado e o povo brasileiro [...]**. Rio Grande do Sul, 27 de nov. de 2019. Twitter: @GeneralMourao. Disponível em: <https://twitter.com/GeneralMourao/status/1199673010388688897>. Acesso em: 27 de nov. 2022.

MOURÃO, Hamilton. **Na data de hoje, em 1935, traidores da Pátria intentaram [...]**. Rio Grande do Sul, 27 de nov. de 2022. Twitter: @GeneralMourao. Disponível em: <https://twitter.com/GeneralMourao/status/1596927538227712000>. Acesso em: 27 de nov. 2022.

NEVES JUNIOR, José Wilson Assis. Segurança nacional e anticomunismo no Brasil pré-64: a ideologia de Golbery do Couto e Silva. **Em Tese, Florianópolis**, v. 16, n. 2, p. 46-66, jul./dez., 2019.

Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2019v16n2p46> Acesso em: 25 nov. 2022.

PIMENTEL, Marcelo. A palavra convence e o exemplo arrasta. *In*: MARTINS FILHO, João Roberto. **Os militares e a crise brasileira**. São Paulo: Alameda, 2020.

SAMWAYS, D. T. O anticomunismo do Serviço Nacional de Informações na Ditadura Civil-Militar brasileira. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S. l.], v. 11, n. 17, 2014. DOI: 10.18817/ot.v11i17.330. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/330. Acesso em: 25 nov. 2022.

SANTOS, Theotonio dos. **Evolução histórica do Brasil: da Colônia à crise da Nova República**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SECCO, Lincoln. O anticomunismo preventivo. *In*: **Boletim do GMARX-USP**. São Paulo. Ano 1, nº 55. 2020.

SODRÉ, Néelson Werneck. **A intentona comunista de 1935**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História militar do Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VIANNA, M. de A. G. As rebeliões de novembro de 1935. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], n. 34, 2022. DOI: 10.36311/0102-5864.16.v0n34.2191. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2191>. Acesso em: 26 nov. 2022.

VILLAS BÔAS, Eduardo. **Meus cumprimentos ao Departamento de Educação e Cultura do Exército [...]**. Brasília, 28 de nov de 2017. Twitter: @Gen_VillasBoas. Disponível em: https://twitter.com/Gen_VillasBoas/status/935563000026714112. Acesso em: 27 de nov. 2022.

VILLAS BÔAS, Eduardo. **Determinei ao @exercitooficial que rememorem a Intentona Comunista [...]**. Brasília, 25 de nov. de 2018a. Twitter: @Gen_VillasBoas. Disponível em: https://twitter.com/Gen_VillasBoas/status/1066709566178713602. Acesso em: 27 de nov. 2022.

VILLAS BÔAS, Eduardo. **No portal do @exercitooficial há uma matéria que vem ao encontro [...]**. Brasília, 27 de nov. de 2018b. Twitter: @Gen_VillasBoas. Disponível em: https://twitter.com/Gen_VillasBoas/status/1067363868656177152. Acesso em: 27 de nov. 2022.

VILLAS BÔAS, Eduardo. **Acabei de assistir o Live - Intentona Comunista de 1935 [...]**. Brasília, 27 de nov. de 2018c. Twitter: @Gen_VillasBoas. Disponível em: https://twitter.com/Gen_VillasBoas/status/1067414149485998081. Acesso em: 27 de nov. 2022.

Submetido em: 28/11/2022.

Aprovado em: 24/05/2023.